

Language Attrition: uma sinopse das principais questões de investigação.

CRISTINA MARIA MOREIRA FLORES

(Universidade do Minho)
cflores@ilch.uminho.pt

Abstract

This paper aims to give a broad overview of the research field of language attrition. The main goal is to present a brief summary of the most important research questions in this domain: why does attrition occur and what is lost in attrition situations? In the first part the most important factors that influence the attrition process are discussed: the role of age, the influence of the second language, the type and amount of input that the attriter receives, his attitudes and motivations. The second part is dedicated to the linguistic features involved: which linguistic domains are affected by language loss? Within this issue, some research findings concerning loss in the lexical, morphological and syntactic domain are presented.

Keywords: bilingualism, language attrition, first language, second language, L2-influence, the role of input and age.

0. Introdução

A área de estudo de *language attrition*, a qual - por ausência de investigação neste domínio e conseqüente falta de terminologia portuguesa correspondente - passarei a denominar de “erosão linguística”, encontra-se já na terceira década de intenso trabalho de investigação. A conferência inaugural em *Attrition of Language Skills* na Universidade de Pennsylvania, em 1980, constituiu um ponto de viragem para a investigação realizada nesta área¹. Até então, o termo ‘*language loss*’ / perda da língua era apenas usado no domínio patológico para descrever casos de perda da língua após acidentes vasculares, afasia ou disfunções linguísticas causadas por tumores cerebrais (Yagmur, 2004; Jamshidiha/Marefat, 2006). Com o interesse no fenómeno da perda de competência linguística em situações não patológicas, os investigadores voltaram-se para o estudo de um grupo de falantes que lhes permitia explorar um vasto grupo de questões relacionadas com este fenómeno: aqueles falantes que adquiriram naturalmente duas (ou mais línguas), mas que a certa altura da sua vida se viram privados do contacto com uma das línguas. Neste sentido, *language attrition* distingue-se claramente de fenómenos de contacto de cariz sociolinguístico, como a mudança linguística observada no seio de comunidades bilingues. Enquanto que esses fenómenos se desenvolvem entre

¹ Desta conferência resultou a primeira publicação unicamente dedicada à temática da perda de competência linguística: o volume. *The loss of language skills*, editado por Lambert e Freed (1982).

as gerações da comunidade bilingue e, como tal, são condicionados por questões sociais e, o termo ‘erosão linguística’ refere-se a casos individuais de perda linguística (de Bot, 2001). Os dois casos mais típicos e, por conseguinte, mais estudados são as situações 2) e 3) da conhecida taxonomia de Van Els (1986), que combina o tipo de língua perdida (L1: primeira língua / L2: segunda língua) com o meio em que a língua se perde (L1: primeira língua corresponde ao meio linguístico dominante / L2: segunda língua corresponde ao meio linguístico dominante):

		Língua [Language]	
		L1	L2
Meio linguístico [Environment]	L1	Situação 1)	Situação 3)
	L2	Situação 2)	Situação 4)

(baseado em van Els, 1986)

A perda da primeira língua (L1) no meio L2 refere-se tipicamente aos casos em que emigrantes se mudam para um meio linguístico diferente (que não seja o da sua L1) e com o tempo vão perdendo aspectos estruturais da sua primeira língua por influência da segunda. Já a perda de L2 num meio L1 refere-se a situações em que falantes bilingues adquiriram uma segunda língua mas voltaram a perdê-la por (já) não estarem integrados no meio linguístico dessa L2. Esta situação é típica de emigrantes, que adquiriram uma segunda língua no país de emigração mas que, regressados ao seu país natal, voltaram a perder essa L2².

1. Por que razão ocorre a erosão linguística?

Uma das preocupações centrais no estudo da erosão linguística é saber por que razão este processo ocorre e, a partir daí, determinar quais os factores que mais influenciam a sua ocorrência.

1.1. Factor ‘idade’:

O papel da idade na aquisição de uma segunda língua tem sido um dos aspectos mais debatidos na literatura sobre bilinguismo (Schmid 2002). A ideia de que as

² É precisamente este tipo de falantes bilingues que constitui o grupo de observação do projecto POCI/LIN/59780/2004 – “O bilinguismo luso-alemão no contexto europeu”, a decorrer no Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho, com apoio do Programa Operacional e Inovação 2010.

crianças aprendem uma segunda língua melhor do que os adultos está largamente difundida e é cientificamente fundamentada pelas teorias neurológicas que defendem a existência de um ‘período crítico’ para a aquisição da língua. A Hipótese do Período Crítico (*Critical Period Hypothesis, CPH*), inicialmente sugerida por (Penfield e Roberts, 1959) e Lenneberg (1967), postula que a mente humana, ao alcançar os seus valores adultos durante a puberdade, perde plasticidade e a capacidade de reorganização indispensável ao processo de aquisição linguística, que, por conseguinte, está limitado a um período crítico. Lenneberg baseia-se na observação de crianças com afasia, realçando o facto de crianças mais novas terem mais capacidade em recuperar a língua que crianças mais velhas (Lenneberg, 1967: 142-182). A CPH, tal como foi formulada por Lenneberg, tem sido contestada em vários aspectos. Estudos posteriores à sua publicação revolucionária tentaram demonstrar que a idade limite de tal período é muito anterior à puberdade. Além disso, em vez da suposição de um período com fim abrupto, foi avançada a hipótese de que existem várias fases sensíveis (“sensitive periods”, Oyama, 1976), durante as quais as diferentes componentes da língua (fonologia, morfologia e sintaxe) são adquiridas de forma gradual. Sendo sujeita a maturação, a capacidade de aquisição linguística (*Language-Making Capacity*, Slobin 1985), após passar pelos vários estados óptimos durante os quais integra a nova informação, cai em declínio e torna-se parcialmente inacessível. Apesar de consequentes reformulações, a hipótese de existência de um período crítico mantém-se válida e é defendida por muitos investigadores, tanto em relação à aquisição de L1 como de L2 (Krashen/Scarcella, 1982; Johnson e Newport, 1989; Newport, 1990; Pallier *et al.*, 2003).

Partindo do pressuposto de que a perda e a aquisição da língua são processos intimamente ligados, assume-se que o fenómeno de erosão linguística é influenciado pelos mesmos factores que levaram à formulação da hipótese de existência de um período crítico para a aquisição da língua (Jamshidiha e Marefat, 2006:7). Se, durante a infância, a mente humana é mais sensível ao processo de aquisição, também poderá sê-lo em relação à perda de competência linguística. De facto, muitos dos estudos conduzidos nesta área demonstram que o factor idade é tão importante na aquisição como na perda da língua (Köpke e Schmid, 2003), convergindo na ideia de que a erosão linguística observada em crianças é muito mais intensa que a ocorrida em adultos. Todos os trabalhos que incidem sobre o fenómeno de perda de competência durante a infância (de Bode, 1996; Kaufman, 2001; Kaufman e Aronoff, 1991; Seliger 1991; Turian e Altenberg, 1991; Vago, 1991) atestam substanciais alterações da competência

linguística das crianças estudadas. Autores como Nicoladis e Grabois (2002), Pallier *et al.* (2003) e Ventureyra *et al.* (2004), que estudaram crianças adoptadas e inseridas num novo meio linguístico (L2), sugerem que, em casos extremos como a adopção, a L1 é esquecida muito rapidamente, não deixando vestígios neurológicos na mente do falante. Apesar dos estudos citados mostrarem consenso em relação à diferença verificada entre perda ocorrida na infância e em idade adulta, pouco se sabe sobre a idade em que é suposto o falante ser mais vulnerável à ocorrência de fenómenos de erosão. Poucos são os estudos que comparam efectivamente crianças e adultos em situação de *attrition*. Os dois trabalhos orientados para a comparação de adultos com crianças são os estudos de Ammerlaan (1996) e Pelc (2001). Ambos analisam o desempenho linguístico de falantes bilingues que variam em relação à idade em que perderam o contacto com a sua primeira língua, concluindo que a idade de emigração é o factor mais importante na ocorrência de perda linguística (citado em Köpke, 2004: 7). Neste âmbito, a puberdade é apontada como sendo a faixa etária determinante: os estudos que incidem sobre falantes adultos, que perderam o contacto com uma das suas línguas após esta fase, reportam processos de erosão muito menos intensos do que os observados em crianças (Altenberg, 1991; Köpke, 1999; Schmid, 2002).

Estas conclusões são indissociáveis da concepção da aquisição linguística como processo de maturação, que apenas se vai estabilizando gradualmente. Ora, enquanto não está completamente estabilizada na mente humana, a nossa competência linguística é vulnerável a erosão, que se manifesta em situações de falta de *input* por parte de uma língua. Autores como Köpke e Schmid (2004) defendem, por isso, que antes da sua completa estabilização na mente humana, a primeira língua de um falante pode ser substituída por uma segunda, se o falante ficar privado do contacto com a sua L1. Neste sentido, também aponta o meu estudo³ sobre os falantes bilingues luso-alemães que regressaram a Portugal com diferentes idades. Os falantes que perderam o contacto com o Alemão durante a infância (até aos dez/onze anos de idade) demonstram um nível de erosão sintáctica muito mais elevado que os falantes regressados em fase adolescente ou adulta (Flores, 2007).

1.2. Factor ‘Influência da segunda língua’

³ Em fase de desenvolvimento, executado no âmbito do projecto acima referido.

Um considerável número de estudos desenvolvidos no âmbito de *language attrition* baseia-se na concepção de que, em falantes bilíngues privados do contacto com uma das suas línguas, a língua não usada é modificada sob influência da língua dominante. A teoria mais influente neste domínio é a *Crosslinguistic Influence (CLI) Hypothesis*, inicialmente sugerida por Sharwood Smith (1983), segundo a qual a erosão linguística ocorre quando o falante perde a capacidade de produzir determinados elementos na sua L1 por influência da sua L2.

O domínio linguístico onde indubitavelmente se tem evidenciado mais transferência de uma língua para a outra é o domínio lexical. A maioria dos autores que investigam este domínio tem observado a ocorrência de empréstimos e adaptações semânticas de uma língua para a outra (cf. Ben Rafael, 2001; Hutz, 2003; Jaspaert e Kroon, 1992). No domínio morfo-sintáctico, autores como Seliger (1991) e Tomiyama (2000) reportam a transferência de regras sintácticas da língua dominante para a língua em erosão. Por exemplo, o rapaz bilingue estudado por Tomiyama passa a aplicar as regras de colocação do adjectivo do Japonês na construção de frases inglesas. No entanto, e como já foi referido, as substanciais influências no domínio morfo-sintáctico são sobretudo observadas no estudo de crianças bilíngues. Os seus efeitos são menos visíveis quando a população bilingue estudada é adulta.

1.3. Factor ‘tipo de contacto’

Uma das perguntas que tem intrigado os investigadores diz respeito ao factor ‘tipo e quantidade de contacto’ com a língua em erosão, pois continua a ser pouco claro “quanto” contacto com a língua é necessário para que esta não seja esquecida. Na sua generalidade, os autores concordam que a probabilidade da erosão linguística ocorrer aumenta nos falantes que perdem o contacto com uma das suas línguas, embora poucos estudos apresentem este factor como uma variável, comparando falantes com diferentes graus de *input* da língua em erosão. Entre estes, de Bot et al. (1991) e Köpke (1999) atestam que a perda linguística observada nos seus grupos de observação é maior nos sujeitos que têm pouco contacto com a sua L1.

No entanto, mantém-se a dúvida sobre o tipo de *input* recebido. Será que, para que um bilingue consiga manter as suas duas línguas, o uso activo da língua é mais importante do que um *input* regular, mas apenas receptivo? Köpke (1999), por exemplo, defende que, para um adulto manter as suas línguas, um contacto reduzido é suficiente. Em muitos casos, é apenas necessário um *input* passivo em forma de leitura, uma vez

que o sistema linguístico do adulto já está estabilizado, não necessitando, por isso, de evidência externa. Diferente é a situação da criança, cujo sistema linguístico ainda está em evolução e necessita de evidência externa para se desenvolver correctamente. Neste sentido, Sharwood Smith e Van Buren (1991: 23) sugerem que o *input* é indispensável não só para a competência linguística se desenvolver, mas também para que esta se estabilize. Assim, o *input* tem o papel de funcionar como evidência confirmativa, indispensável ao correcto desenvolvimento da L1. Na sua ausência, o falante recorre ao sistema linguístico da sua L2 para colmatar a falta de evidência confirmativa da L1 (Köpke, 2004). Por sua vez, esta ideia de *input* como fonte de evidência positiva, indispensável à manutenção da língua, tem implicações na descrição do fenómeno da perda linguística, enquanto processo individual ou fenómeno social de mudança linguística no seio de uma comunidade. Note-se que, muitas vezes, as minorias linguísticas L1 inseridas num ambiente linguístico L2 desenvolvem, com o passar do tempo, e por influência da língua maioritária, uma variante linguística própria, distinta da L1 originária, a qual é transmitida em forma de evidência positiva aos membros mais novos. Nestes casos, a língua adquirida pela criança é distinta da sua variante original. No entanto, este fenómeno de cariz sociolinguístico é distinto dos processos de erosão que ocorrem individualmente por falta de contacto com uma das línguas do falante bilingue.

O factor *input* tem também um papel central nas teorias neuro- e psicolinguísticas, que, mais recentemente, tentam analisar o fenómeno de erosão linguística em termos de mecanismos psicolinguísticos de processamento de informação (cf. Green, 1986; Paradis, 2004). O modelo psicolinguístico assenta na tensão entre a perda efectiva e irreductível de informação e a dificuldade temporária em aceder a informação retida. Bastante influente neste campo é a *Activation Threshold Hypothesis* (ATH) de Paradis (1997, 2004), baseada na ideia de existência de um ‘limiar de inibição’. Originariamente, a noção de inibição foi desenvolvida no âmbito do estudo de lesões cerebrais para explicar a diferença entre a perda e a inacessibilidade de informação linguística em sujeitos com disfunções linguísticas, sugerindo-se que, em certas patologias de afasia, a informação linguística não é totalmente perdida, mas apenas bloqueada ou inibida (*vide* Gürel, 2004 para uma discussão geral). Em falantes bilingues afásicos, tentou-se demonstrar que a língua mais frequentemente usada antes da lesão cerebral é a primeira a ser recuperada, enquanto que, devido a fenómenos de inibição, a acessibilidade à língua menos praticada é um processo mais difícil e mais

demorado. Paradis (1997, 2004) retoma este conceito de inibição e transfere-o para o seu modelo integrativo de funcionamento da mente bilingue (em contexto não patológico). A sua *Activation Threshold Hypothesis* especifica a relação entre a frequência de uso de um item linguístico e a sua activação, isto é, a capacidade em aceder-lhe. Esta capacidade é regulada por um limiar neurológico (*threshold*), definido como a quantidade de impulsos neurológicos necessários à activação de um item linguístico (Paradis 2004: 28). Quanto mais um item é activado, mais baixo é esse limiar. Por sua vez, o limiar de activação sobe, se o item está desactivado, isto é, não é usado durante muito tempo. Neste caso, a sua (re)activação torna-se mais difícil. Este processo regula todo o contacto das duas línguas na mente de um falante bilingue. Quando uma língua é seleccionada, o outro sistema linguístico é automaticamente inibido, isto é, o limiar de activação da língua não usada sobe, evitando fenómenos de interferência. Este funcionamento aplica-se tanto a itens lexicais, como ao domínio fonológico e às construções sintácticas. Ora, neste modelo, a erosão linguística é entendida como o resultado de um prolongado período de falta de estímulo por parte de uma língua (Paradis 2004: 28), originando um elevado limiar de inibição desta. A prolongada exposição à língua dominante faz com que o limiar de activação desta língua esteja mais baixo, tornando-a mais acessível. No entanto, a inibição da língua em desuso não significa que esta esteja totalmente perdida, apenas que os itens linguísticos da língua dominante estão mais acessíveis que os da língua não usada e que é necessário maior estímulo, isto é, um maior *input* para os reactivar.

1.3.1. Competência - Performance

A diferença entre ‘perder’ informação ou apenas ter dificuldades em ‘aceder-lhe’ já é um tópico de discussão mais antigo, com eco no debate em torno da dicotomia ‘competência-performance’, transferido por Sharwood Smith (1983) para o domínio de investigação de *language attrition*. Segundo este autor, erosão ao nível da competência é um processo que afecta o conhecimento linguístico do falante, na medida em que leva a uma reestruturação do seu sistema de regras. Para Seliger (1996), a ocorrência de erosão a este nível manifesta-se na:

- 1) habilidade em activar o significado de um item linguístico da língua em erosão apenas quando este também é partilhado pela língua dominante.
- 2) reorganização ou simplificação do sistema morfológico da língua em erosão.
- 3) aceitação de frases sintacticamente desviantes.

Por sua vez, a erosão ao nível de performance reflecte-se na dificuldade que o falante tem em ‘controlar’ o seu conhecimento. (Sharwood Smith, 1989; Ammerlaan, 2001; Goral, 2004) Atente-se à descrição de dois tipos de fenómenos:

1) problemas na selecção lexical e dificuldades em lembrar-se do vocabulário.

2) dificuldades de processamento, que se podem manifestar no abrandar do ritmo de processamento das frases produzidas ou na transferência para a língua em erosão de elementos da língua dominante.

No entanto é de realçar, neste âmbito, que o fenómeno de transferência de uma língua para a outra pode apenas ocorrer ao nível do processamento, isto é, no acto de produção e não resulta da fusão dos dois sistemas linguísticos do falante bilingue.

1.4. Factor ‘literacia’

Poucos dos estudos desenvolvidos no âmbito de *language attrition* têm prestado atenção à influência do factor ‘nível de escolaridade’ no processo de erosão e os que de facto têm este factor como variável apresentam conclusões contraditórias. (cf. Schmid 2002: 21). Enquanto que Köpke (1999) não consegue relacionar o nível de escolaridade dos falantes estudados com o nível de erosão linguística detectada, segundo Jaspaert e Kroon (1989), o nível de literacia dos seus informantes é o factor mais influente na ocorrência de perda linguística. As explicações dadas pelos autores são, no entanto, bastante vagas e pouco sustentadas, uma vez que fazem corresponder um nível mais alto de escolaridade a uma situação financeira mais estável, o que, segundo os autores, permite aos falantes viajarem ao seu país de origem e manter o contacto com a sua L1. Porém, esta hipótese, em vez de explicar a importância do factor ‘literacia’, mostra a influência do factor ‘frequência de contacto’ na ocorrência de erosão, pois é quem viaja mais e tem mais contacto com a sua L1 que menos perde.

No caso da perda de competência linguística durante a infância, vários autores (cf. Olshtain, 1989) têm sugerido que o factor idade interage necessariamente com o factor literacia. Assim, para além da maturação biológica, a observação de que as crianças mais velhas, em caso de perda de contacto com uma das suas línguas, conseguem conservá-la melhor que as crianças mais novas tem sido - também - relacionada com o desenvolvimento cognitivo e o nível de literacia das crianças: uma criança que saiba ler e escrever perfeitamente dispõe de um meio de contacto com a língua que uma criança menos instruída não possui. Assim, o canal escrito pode funcionar para o falante como

mais uma fonte de evidência confirmativa de uma língua que ele não usa oralmente (Olshtain, 1989).

1.5. Factor ‘motivação, atitudes e identidade’

O papel da motivação individual é amplamente reconhecido como factor fundamental no processo de aprendizagem de uma segunda língua (Gardner, 1982; Harris/Gleason/Ayçiçeği, 2006; Pavlenko, 2002), mas também no processo de perda linguística parece ter um peso importante (Schmid, 2002; Yoshitomi, 1992). Os autores que têm focado a sua atenção na relação entre o bilinguismo e domínio afectivo (cf. Pavlenko, 2002; Koven, 2006) sugerem que as diferentes línguas de um falante bilingue desempenham funções emocionais diferentes, assumindo que, quanto mais estreita a relação emotiva com a língua, menor é a probabilidade de esta entrar em processo de erosão (Dewaele, 2004).

Um importante contributo ao estudo da relação entre erosão e o domínio afectivo foi dado pelo trabalho de Schmid (2002), que analisou o desempenho linguístico de alemães de origem judaica, residentes nos Estados Unidos, tendo fugido da Alemanha durante o regime nazi. A autora sugere que a erosão observada nos registos verbais destes falantes não se deve apenas à falta de contacto com a língua alemã (que ultrapassa os sessenta anos) mas sobretudo às experiências traumáticas vividas pelos falantes antes da fuga. O grupo que apresenta mais perda linguística é aquele que emigrou mais tarde e viveu mais intensamente as perseguições nazis, criando uma maior aversão à língua alemã e levando à sua rejeição.

A atitude negativa, criada por vivências traumáticas, também é apontada como sendo uma causa importante na perda linguística de crianças adoptadas. Os falantes coreanos estudados por Pallier *et al.* (2003) e Ventureyra/Pallier (2004) foram adoptados por casais franceses com idades compreendidas entre três e oito anos. Na altura do estudo, os falantes têm entre vinte e trinta e dois anos e após a adopção não voltaram a ter contacto com a sua L1, o coreano, afirmando terem perdido por completo esta língua, facto comprovado pelo estudo neurológico a que se submeteram. Entre outros factores, a infância traumática destes falantes, passada em orfanatos coreanos, é apontada como sendo uma das principais causas da sua perda linguística.

2. O que se perde?

2.1. Léxico

O domínio lexical tem sido, indubitavelmente, a área linguística mais estudada pelos investigadores interessados no fenómeno do bilinguismo, pois é o domínio mais fértil para a ocorrência de processos de interferência das línguas em contacto. Aliás, o primeiro grande estudo sobre fenómenos de interferência em falantes bilingues, da autoria de Uriel Weinreich (1953), continua a ser uma obra de referência. Muitas das suas constatações continuam a reunir consenso generalizado. Os itens lexicais são mais susceptíveis a interferência que as propriedades gramaticais da língua. Uma forma de interferência lexical é o uso de itens da L2 num discurso de L1. No entanto, os fenómenos de interferência lexical são típicos do discurso de falantes bilingues e é um erro grave interpretá-los (apenas) como evidência de erosão linguística (Pavlenko, 2004: 48). Pelo contrário, o fenómeno de alternância de códigos (*code-switching*) até tende a ser analisado como manifestação da alta competência do falante em ambas as suas línguas (Poplack 1980: 601), visto que, muitas vezes, o falante sente que o item importado da outra língua é mais apropriado para transmitir determinado conceito, soa melhor ou a sua utilização tem efeitos pragmáticos que o uso monolíngue não teria. Consequentemente, o recurso a transferência lexical não deve ser necessariamente considerado evidência de erosão linguística sem uma análise mais aprofundada do tipo de empréstimo e das razões subjacentes. Apenas deve ser interpretado como sinal de perda quando existe um item lexical correspondente na língua em erosão, mas que já não está acessível ao falante (Pavlenko, 2004: 50). Mais uma vez, a distinção entre perda efectiva e inacessibilidade temporária (“reduction in accessibility”, Sharwood Smith, 1983) é fundamental. A sua distinção só é possível com o recurso a testes apropriados: o falante apenas terá perdido um determinado item lexical quando não o consegue produzir nem compreender ou quando o usa com o significado de um item da língua que exerce a influência lexical. Este último processo – a transferência de significado – também é um fenómeno que merece a atenção dos investigadores interessados na erosão lexical. Manifesta-se, por exemplo, na extensão do significado da palavra da língua em erosão de modo a poder corresponder ao significado da segunda língua (cf. Romaine, 1989: 56, “semantic extension”). No seu estudo, Altenberg (1991) demonstra que a selecção lexical é uma área bastante vulnerável, interpretando os fenómenos de sobregeneralização semântica encontrados no seu grupo de observação como indícios de perda linguística.

Embora possam ser interpretados como indícios de *attrition*, os processos de transferência lexical discutidos são geralmente tidos como “fenómenos de superfície”

(Schmid, 2002: 33, “‘surface level’ of utterances”), que não podem servir de resposta à seguinte questão: Quando um falante perde uma língua, há uma redução efectiva do seu vocabulário? Andersen (1982) e Olshtain e Barzilay (1991), entre outros, afirmam que a perda da riqueza lexical é uma das características mais evidentes do processo de erosão linguística. Um dos testes mais conhecidos e mais utilizados para testar uma hipotética redução do sistema vocabular dos falantes em situação de erosão tem sido a narração da conhecida história do sapo (a ‘Frog story’, cuja utilização foi proposta por Berman e Slobin, 1994). Olshtain e Barzilay (1991) utilizam este exercício para demonstrar que a redução de contacto com a L1 exerce, de facto, efeito sobre capacidade do falante bilingue em aceder ao seu sistema lexical, evidenciando-se sobretudo na dificuldade em encontrar palavras específicas e pouco utilizadas.

2.2. Morfologia

Muitos dos estudos desenvolvidos na área de *language attrition* concentram-se no domínio morfológico (cf. Altenberg, 1991; Schmid, 2002; Seliger, 1991; Vago, 1991; para uma visão mais detalhada *vide* Schmid, 2004). Neste âmbito, um dos processos mais observados nos registos verbais de falantes bilingues sem contacto com uma das suas línguas é a regularização do sistema flexional, como por exemplo a conjugação de verbos irregulares, seguindo o padrão regular ou a redução de marcas alomórficas de número e género a uma única forma flexional. Nas línguas que apresentam um sistema casual muito desenvolvido, são observados vestígios de erosão nas declinações (Hirvonen, 1998). Além disso, alguns autores defendem existir uma tendência nestes falantes em substituir marcas de flexão nominal e verbal por formas analíticas e construções perifrásticas, assim como uma preferência em transmitir determinadas relações gramaticais por meio do uso de lexemas em vez do recurso à flexão morfológica (por exemplo o uso de preposições em vez da morfologia casual).

Uma ideia que merece consenso entre os investigadores é que o processo de erosão é selectivo (Altenberg, 1991: 203), pois os diferentes aspectos morfológicos não são igualmente vulneráveis. Assim, tanto Altenberg (1991) como Schmid (2002) atestam um grau muito mais alto de vulnerabilidade na flexão nominal de número que de género nos seus grupos de observação (de bilingues anglo-germânicos). Porém, as autoras apresentam hipóteses diferentes para explicarem esta situação. Schmid relaciona este facto com o processo de aquisição. Em Alemão, as marcas de plural são adquiridas em fase mais tardia que as marcas de género, pelo que – segundo a hipótese de regressão

(*regression hypothesis*, cf. Jordens *et al.*, 1989) que considera válida nesta situação – o aspecto linguístico mais tardiamente adquirido é aquele que mais rapidamente é perdido em caso de perda de *input*. (Schmid: 2002: 125). Já Altenberg socorre-se de uma outra ideia bastante difundida na área de *language attrition*: erosão afecta sobretudo os aspectos da língua não usada que têm forma semelhante na língua dominante, indo ao encontro da concepção de que “only the L1 properties that have analogous forms in the L2 (hence in competition with the L2 forms) will undergo attrition [...]. L1 elements that have no corresponding forms in the L2 will not be vulnerable to attrition as they will not be in competition with the L2 elements” (Gürel, 2004: 60).

2.3. Sintaxe

O domínio linguístico que aparenta ser mais resistente à ocorrência de erosão é a sintaxe, o que pode explicar o menor número de estudos conduzidos nesta área. Intuitivamente, a ideia de que a ordem de palavras é um domínio vulnerável a processos de simplificação parece convincente (*vide* Schmid 2002: 35). Geralmente, as línguas oferecem várias hipóteses de construção frásica para o falante se expressar, as quais variam no seu grau de complexidade. O uso de construções hipotáticas requer mais complexidade sintáctica que o uso da parataxe. Uma das manifestações de erosão no domínio sintáctico poderá, portanto, consistir no aumento de construções paratáticas em detrimento da utilização de orações subordinadas. De facto, esta é uma das conclusões do estudo de Yağmur (2004), que investiga a competência sintáctica de falantes turcos residentes na Austrália. Porém, o estudo de erosão sintáctica tem de contornar um problema essencial: a sintaxe é o domínio onde o falante mais facilmente pode recorrer a estratégias que lhe permitam evitar estruturas complexas (e, por conseguinte, mais difíceis para um falante bilingue que não usa uma língua regularmente). Se um falante evita uma determinada estrutura, não evidencia se a domina e não quer fazer o esforço em produzi-la ou se não a domina e quer evitar a ocorrência de erros gramaticais.

Para os seguidores da visão mentalista da faculdade da linguagem, protagonizada por Noam Chomsky, o problema da perda de conhecimento sintáctico é uma questão de fundo. Segundo Chomsky (1981, 1986), o fenómeno de aquisição linguística corresponde a um processo contínuo de fixação de princípios inatos (da Gramática Universal) a valores próprios da língua materna que a criança está a adquirir. Este processo é determinado por factores biológicos. Concluída a fase de maturação, os

parâmetros sintácticos fixados não voltam a ser apagados ou refixados noutros valores. Funcionamento idêntico é assumido para a aquisição bilingue de duas línguas primárias. Como têm apontado muitos autores (Meisel, 2007), a nossa faculdade linguística está preparada para o multilinguismo: a exposição natural a mais que uma língua durante a fase de maturação linguística permite à criança adquirir naturalmente duas ou mais línguas. A ideia de que este processo de aquisição bilingue decorre de forma independente e sem mistura dos dois (ou mais) sistemas gramaticais (Meisel 2001) está largamente difundida. Se a aquisição bilingue decorre de forma contínua, mantendo-se o *input* por parte das duas línguas, concluído este processo, a criança bilingue com duas L1 possui dois sistemas sintácticos autónomos, idênticos aos sistemas de crianças monolingues. Esta concepção parece estar em contradição com o pressuposto de ocorrência de erosão sintáctica. Se os parâmetros sintácticos, uma vez adquiridos, não voltam a apagar-se, a perda de competência sintáctica deveria ser um fenómeno marginal. De facto, a maioria dos estudos levados a cabo nesta área atestam níveis insignificantes de erosão no domínio sintáctico (*vide* estudo de Håkansson, 1995, sobre o posicionamento do verbo dos registos verbais de bilingues anglo/franco-suecos), quando o grupo de observação é constituído por falantes adultos.

Mais recentemente, também os investigadores da escola generativa têm focado o seu interesse na questão da perda de competência sintáctica, chamando a atenção para a distinção entre parâmetros marcados e não marcados (Sharwood Smith 1989). Segundo Seliger (1989, 1996), a perda de competência sintáctica é selectiva, pois está relacionada com esta distinção: as estruturas que são menos marcadas em L2 tendem a substituir as estruturas com função idêntica na L1, mas que aí são marcadas. Já as formas gramaticais não marcadas são resistentes à erosão linguística. Nesta lógica, o processo de perda de competência sintáctica corresponde à passagem de parâmetros fixados em valores marcados para valores correspondentes não marcados. Porém, não existe, entre os linguistas generativos, consenso sobre a noção de parâmetro marcado, pelo que é problemático definir quais as estruturas de um determinado sistema gramatical que são marcadas.

As últimas tentativas em estudar o fenómeno de erosão sintáctica de uma perspectiva generativa, seguindo a corrente minimalista, têm especulado sobre a possível influência de um segundo factor: a distinção entre traços interpretáveis e interpretáveis (+ *interpretable features*, Chomsky e Lasnik, 1995) e o seu papel na ocorrência selectiva de erosão a nível sintáctico. Neste sentido, Sorace (2000), Montrul

(2002) e Gürel (2004) assumem que estruturas situadas na interface entre sintaxe e semântica ou entre a sintaxe e o discurso (+ interpretáveis) possam estar mais susceptíveis a sofrerem erosão que estruturas ‘meramente’ morfo-sintáticas (- interpretáveis), as quais são resistentes a *attrition*.

O actual estado de investigação indica que o processo de erosão linguística resulta da interacção de vários factores e não pode ser estudada à luz de apenas uma única hipótese. O mais sensato é assumir que parece haver uma coexistência de processos autónomos (internos à língua em erosão), que provocam a simplificação das estruturas linguísticas e a sua regressão a estados de desenvolvimento precoces, e processos correlativos, que resultam da interacção entre as duas línguas do falante bilingue. Todo este fenómeno é ainda reforçado por factores externos como a idade do falante bilingue em situação de erosão, o tipo e a frequência de *input* que recebe, assim como o seu grau de literacia e a sua atitude e motivação pessoal perante o bilinguismo.

Referências bibliográficas

- Altenberg, E. (1991): “Assessing first language vulnerability to attrition”, in H. W. Seliger & R.M. Vago (eds.), *First language attrition*. Cambridge: Cambridge University Press, 189–206.
- Ammerlaan, T (1996): ‘*You get a bit wobbly...*’—*Exploring bilingual lexical retrieval processes in the context of first language attrition*. Tese de Doutoramento. Nijmegen: Katholieke Universiteit.
- Andersen, R.W. (1982): “Determining the linguistic attributes of language attrition”, in R. D. Lambert & B.F. Freed (eds.) *The Loss of Language Skills*. Rowley, MA: Newbury House, 83-117.
- Ben Rafael, M (2001): *Contact de langues: le français parlé des francophones israéliens*. Tese de Doutoramento. Universidade de Tel Aviv.
- Berman, R./Slobin, D. (1994): *Relating events in narrative. A crosslinguistic developmental study*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum.
- de Bode, S. (1996): *First Language Attrition: Productive Morphology Disintegration and Neurobiological Support. A case study*. Unpublished MA Thesis, Ponomo, CA: California State Polytechnic University.
- de Bot, K./Gommans, P./Rossing, C. (1991): “L1 loss in an L2 environment: Dutch immigrants in France”, in H. W.Seliger, & R.M. Vago (eds.), *First language attrition*. Cambridge: Cambridge University Press, 87–98.
- de Bot, K. (2001): “Language use as an interface between sociolinguistic and psycholinguistic processes in language attrition and language shift”, in J. Klatter-Folmer & P. van Avermaet (eds.), *Theories on maintenance and loss of minority languages. Towards an more integrated explanatory framework*. Münster: Waxmann, 65–82.
- Chomsky, N. (1981): *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris.
- Chomsky, N. (1986): *Knowledge of language: its nature, origins and use*. New York: Praeger.
- Chomsky, N./Lasnik, H. (1995): “Principles and parameters theory”, in N. Chomsky (ed.), *The minimalist program*. Cambridge, MA: MIT Press, 13–127.
- Dewaele, J-M.(2004): “Perceived language dominance and language preference for emotional speech: The implication for attrition research”, in M. Schmid, B. Köpke, M. Keijzer, & L.

- Weilemar (eds.), *First Language Attrition: Interdisciplinary Perspectives on Methodological Issues*. Amsterdam: John Benjamins, 81-104.
- van Els, T. (1986): "An overview of European research on language attrition", in B. Weltens, K. de Bot & T. van Els (eds.), *Language Attrition in Progress*. Dordrecht: Foris, 3-18.
- Flores, C. (2007): "Age effects on attrition processes". Comunicação apresentada no Workshop *Issues on Bilingualism*. Universidade de Minho/ Braga, Fevereiro de 2007.
- Gardner, R. C. (1982): "Social factors in language retention", in R. D. Lambert & B. F. Freed (eds.), *The loss of language skills*. Rowley: Newbury House, 24-43.
- Goral, M. (2004): "First-language decline in healthy aging: implications for attrition in bilingualism", *Journal of Neurolinguistics* 17 (1), 31-52.
- Green, D. W. (1986): "Control, activation and resource: a framework and a model for the control of speech in bilinguals", *Brain and Language* 27, 210-223.
- Gürel, A. (2004): "Selectivity in L2-induced L1 attrition: a psycholinguistic account", *Journal of Neurolinguistics* 17 (1), 53-78.
- Hakuta, K./d' Andrea, D. (1992): "Some Properties of Bilingual Maintenance and Loss in Mexican Background High-School Students". *Applied Linguistics* 13 (1), 72-99.
- Harris, C./ Gleason, J.B./Ayçiçeği, A. (2006): "When is a first language more emotional? Psychophysiological evidence from bilingual speakers", in A. Pavlenko (ed.), *Bilingual Minds: Emotional Experience, Expression and Representation*. Clevedon: Multilingual Matters, 2006, 257-283.
- Hirvonen, P. (1998): "The Finnish-American language shift", in J.Niemi et al. (eds), *Language Contact, Variation and Change*. Joensuu, Finland: Faculty of Humanities, 136-150.
- de Houwer, A. (1995): "Bilingual language acquisition", in P. Fletcher & B. MacWhinney (eds.), *The Handbook of Child Language*. Oxford: Blackwell, 219-250.
- Hutz, M. (2003): "Is there a natural process of decay? A longitudinal study of language attrition", in M. S. Schmid, B. Köpke, M. Keijser & L. Weilemar (eds.), *First language attrition. Interdisciplinary perspectives on methodological issues*. Amsterdam: John Benjamins, 189-206.
- Hyltenstam, K./Abrahamsson, N. (2003): "Maturational constraints in second language acquisition", in C. Doughty & M. Long (eds), *Handbook of Second Language Acquisition*. Oxford: Blackwell, 539-588.
- Jamshidiha, H./Marefat, H. (2006): "L1 Persian Attrition", *The Linguistics Journal* 1, 17-46.
- Jaspaert, K./Kroon, S. (1992): "From the typewriter of A.L.: A case study of language loss", in W. Fase, K.Jaspaert & S. Kroon (eds.), *Maintenance and loss of minority languages*. Amsterdam: John Benjamins, 137-147.
- Johnson, J./Newport, E. (1989): "Critical Period Effects in Second Language Learning: The Influence of Maturational State on the Acquisition of English as a Second Language". *Cognitive Psychology* 21, 60-99.
- Jordens, P./de Bot, K./Trapman, H. (1989): "Linguistic aspects of regression in German case marking", *Studies of Second Language Acquisition* 11, 179-204.
- Kaufman, D. (2001): "Tales of L1 attrition - Evidence from pre-puberty children", in T. Ammerlan, M. Hulsen, H. Strating & K. Yamur (eds.), *Sociolinguistic and psycholinguistic perspectives on maintenance and loss of minority languages*. Münster: Waxmann, 185-202.
- Kaufman, D./Aronoff, M. (1991): "Morphological disintegration and reconstruction in first language attrition", in H. W. Seliger & R. M. Vago (eds.), *First language attrition*. Cambridge: Cambridge University Press, 175-188.
- Köpke, B./ Schmid, M. (2004). "Language attrition: The next phase", in M. Schmid, B. Köpke, M. Keijzer & L. Weilemar (eds.), *First language attrition: Interdisciplinary perspectives on methodological issues*. Amsterdam: John Benjamins, 1-47.
- Köpke, B. (1999): *L'attrition de la première langue chez le bilingue tardif: implications pour l'étude psycholinguistique du bilinguisme*. Unpublished Doctoral Dissertation. Toulouse: Université de Toulouse-Le Mirail.
- Köpke, B. (2004): "Neurolinguistic aspects of attrition", *Journal of Neurolinguistics* 17 (1), 3-30.

- Koven, M. (2006): "Feeling in two languages: a comparative analysis of a bilingual's affective displays in French and Portuguese", in A.Pavlenko (ed.), *Bilingual Minds: Emotional Experience, Expression and Representation*. Clevedon: Multilingual Matters, 2006, 84-117.
- Krashen, S./Scarcella, R. (eds.) (1982): *Child-adult differences in second language acquisition*. Rowley: Newbury.
- Lambert, R. D./Freed, B. (1982): *The loss of language skills*. Rowley: Newbury House.
- Lenneberg, E. (1967): *Biological Foundations of Language*, New York: John Wiley.
- Meisel, J.M. (1995): "Parameters in Acquisition" in P. Fletcher & B.MacWhinney (eds.), *The Handbook of Child Language*. Oxford: Blackwell, 10-35.
- Meisel, J.M. (2001): "The simultaneous acquisition of two first languages: Early differentiation and subsequent development of grammars", in J. Cenoz, F. Genesee (eds.), *Trends in Bilingual Acquisition*. Amsterdam: John Benjamins, 11-41.
- Meisel, J.M. (2007): "Child Second Language Acquisition or Successive First Language Acquisition?". Comunicação apresentada no Workshop *Issues on Bilingualism*. Universidade do Minho/ Braga, Fevereiro de 2007.
- Meisel, J.M./Möhrig, A (2003): "The Verb-Object Parameter in simultaneous and successive acquisition of bilingualism", in N. Müller (ed.), *(In)vulnerable domains in Multilingualism*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 295-334.
- Montrul, S. (2002): "Divergent acquisition and attrition of Spanish tense/aspect distinctions in adult bilinguals", *Bilingualism: Language and Cognition* 5(1), 39-68.
- Müller, N. (1994): "Parameters cannot be reset: Evidence from the development of COMP", in J.M. Meisel (ed.), *Bilingual First Language Acquisition: French and German Grammatical Development*. Amsterdam: John Benjamins, 235-269.
- Newport, E.L (1990): "Maturational Constraints on Language Learning", *Cognitive Science* 14, 11-28.
- Nicoladis, E./Grabois, H. (2002): "Learning English and losing Chinese: A case study of a child adopted from China", *International Journal of Bilingualism* 6 (4),441-454.
- Olshtain, E. (1989): "Is second language attrition the reversal of second language acquisition?", *Studies in Second Language Acquisition* 11(2), 151-165.
- Olshtain, E./Barzilay, M. (1991): "Lexical retrieval difficulties in adult language attrition", in H. Seliger & R. Vago (eds.) *First language attrition*. Cambridge: CUP, 139-150.
- Oyama, S.C. (1976): "A sensitive period for the aquisition of a nonnative phonological system", *Journal of Psycholinguistic Research* 5 (3), 261-283.
- Pelc, L. (2001): *L1 lexical, morphological and morphosyntactic attrition in Greek-English bilinguals*. Unpublished Doctoral Dissertation. New York: CUNY.
- Pallier, C./Dehaene, S./Poline, J.-B./LeBihan, D./Argenti, A.-M./Dupoux, E./Mehler, J. (2003): "Brain Imaging of Language Plasticity in Adopted Adults: Can a Second Language Replace the First?", *Cerebral Cortex* 13,155-161.
- Paradis, M. (1997): "The cognitive neuropsychology of bilingualism", in A. M. B. de Groot & J. F. Kroll (eds.), *Tutorials in bilingualism: Psycholinguistic perspectives*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum, 331-354.
- Paradis, M. (2004): *A Neurolinguistic Theory of Bilingualism*. Amsterdam/Philadelphia: Benjamins.
- Pavlenko, A. (2002): "Bilingualism and Emotions", *Multilingua* 21 (1), 45-78.
- Pavlenko, A. (2004): "L2 influence and L1 attrition in adult bilingualism", in M. Schmid, B. Köpke, M. Keijzer, & L. Weilemar (eds.), *First Language Attrition: Interdisciplinary Perspectives on Methodological Issues*. Amsterdam: John Benjamins, 47-60.
- Poplack, S. (1980): "Sometimes I'll start a sentence in Spanish y termino en español: toward a typology of code-switching", *Linguistics* 18, 581-618.
- Penfield, W./Roberts, L.(1959): *Speech and Brain Mechanisms*, New York: Athenaeum.
- Romaine, S. (1989): *Bilingualism*. Oxford: Basil Blackwell.
- Rothweiler, M. (2006), "The acquisition of V2 and subordinate clauses in early successive acquisition of German", in C. Lleó (ed.), *Interfaces in Multilingualism*, Amsterdam: John Benjamins, 91-113.

- Schmid, M.S. (2002): *First language attrition, use, and maintenance. The case of German Jews in anglophone countries*. Amsterdam: John Benjamins.
- Schmid, M.S. (2004): "Language attrition bibliography", in M. Schmid, B. Köpke, M. Keijzer, & L. Weilemar (eds.), *First Language Attrition: Interdisciplinary Perspectives on Methodological Issues*. Amsterdam: John Benjamins, 317-348.
- Seliger, H. W. (1989): "Deterioration and creativity in childhood bilingualism", in K. Hyltenstam, & L. K. Obler (eds.), *Bilingualism across the lifespan*. Cambridge: Cambridge University Press, 173–184.
- Seliger, H. W. (1991): "Language attrition, reduced redundancy, and creativity", in H. W. Seliger, & R. M. Vago (eds.), *First language attrition*. Cambridge: Cambridge University Press, 227–240.
- Seliger, H. W. (1996): "Primary language attrition in the context of bilingualism", in W. Ritchie & T. Bhatia (eds.), *Handbook of second language acquisition*. London: Academic Press, 606-625.
- Sharwood Smith, M. A. (1983): "On first language loss in the second language acquirer: Problems of transfer", in S. Gass & L. Selinker (eds.), *Language transfer in language learning*. Rowley, MA: Newbury, 222–231.
- Sharwood Smith, M. A. (1989): "Crosslinguistic influence in language loss", in K. Hyltenstam & L. K. Obler (eds.), *Bilingualism across the lifespan*. Cambridge: Cambridge University Press, 185–201.
- Sharwood Smith, M. A./Van Buren, P. (1991): "First language attrition and the parameter setting model", in H. W. Seliger & R. M. Vago (eds.), *First language attrition*. Cambridge: Cambridge University Press, 17–30.
- Slobin, D. (1985): "Crosslinguistic Evidence for the Language-Making Capacity", in D. Slobin (ed.), *The Crosslinguistic Study of Language Acquisition*, vol.2. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1157-1249.
- Sorace, A. (2000): "Differential effects of attrition in the L1-syntax of near-native L2 speakers", in C. Howell, S. Fish & T. Keith-Lucas (eds.), *Proceedings of the 24th Boston university conference on language development*. Somerville, MA: Cascadilla Press, 719–725.
- Sorace, A. (2003): "Near-Nativeness", in C. Doughty & M. Long (eds.), *Handbook of Second Language Acquisition*. Oxford: Blackwell, 130-152.
- Tomiyama, M. (2000): "Child Second Language Attrition: a longitudinal case study", *Applied Linguistics* 21(3), 304-332.
- Turian, D./Altenberg, E. P. (1991): „Compensatory strategies of child first language attrition”, in H. W. Seliger, & R. M. Vago (eds.), *First language attrition*. Cambridge: Cambridge University Press, 207–226.
- Vago, R. M. (1991): "Paradigmatic regularity in first language attrition", in H.W. Seliger & R.M. Vago (eds.), *First Language Attrition*. Cambridge: Cambridge University Press, 241-252.
- Ventureyra, V./Pallier (2004): "In search of the lost language: The case of adopted Koreans in France", in M. Schmid, B. Köpke, M. Keijzer, & L. Weilemar (eds.), *First Language Attrition: Interdisciplinary Perspectives on Methodological Issues*. Amsterdam: John Benjamins, 207-221.
- Weinreich, U. (1953): *Languages in contact: Findings and problems*. New York: Linguistic Circle of New York.
- Yagmur, K. (2004): "Issues in finding the appropriate methodology in language attrition research" in M. Schmid, B. Köpke, M. Keijzer, & L. Weilemar (eds.), *First Language Attrition: Interdisciplinary Perspectives on Methodological Issues*. Amsterdam: John Benjamins, 133-164.
- Yoshitomi, A. (1992): "Towards a model of language attrition: neurobiological and psycholinguistic contributions", *Issues in Applied Linguistics* 3 (2), 293-318.